

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

DJEYNE CECILIA GERONIMO

O LUTO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA ESCOLAR

MARINGÁ
2016

DJEYNE CECILIA GERONIMO

O LUTO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA ESCOLAR

Trabalho apresentado ao curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Dr. Raymundo de Lima

MARINGÁ
2016

DJEYNE CECILIA GERONIMO

O LUTO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA ESCOLAR

Trabalho apresentado ao curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raymundo de Lima (Orientador) – UEM

Prof.^a Dr.^a Solange Franci Raimundo Yaegashi– UEM

Prof.^a Ms. Giselma Cecília Serconek– UEM

MARINGÁ, ____ DE _____ DE 2017.

O LUTO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA ESCOLAR

GERONIMO, Djeyne Cecilia¹
LIMA, Raymundo de²

RESUMO

Abordar o tema da morte com as crianças é um dos tabus presentes nas instituições escolares. O trabalho tem como objetivo investigar como as escolas lidam com o luto no período de formação escolar e pessoal do indivíduo. Se justifica na educação escolar por ser de fundamental importância conhecer as dificuldades das crianças em lidar com esse fato. Diante disso, procuramos responder a seguinte problemática: como as escolas trabalham o luto na infância? Para isso, realizamos uma pesquisa de campo em três escolas municipais nos anos iniciais do ensino fundamental I, em um município de pequeno porte do noroeste do Paraná. Discutimos seis questões, dentre elas, cinco a partir de levantamento de dados da própria escola, e apenas uma de opinião da pedagoga. Como resultado, verificamos que as escolas envolvidas na pesquisa, se apresentam despreparadas para lidar com o luto na infância, o que aumenta nossa preocupação, pois a realidade condiz com a falta de consciência da relevância do período do luto e como esse interfere no desenvolvimento da criança. Concluímos que esta problemática só será possível de solucionar se investirmos em uma formação melhor dos profissionais da educação.

Palavras-chave: Luto na infância. Formação docente. Morte e morrer. Pedagogia e morte.

ABSTRACT

Addressing the issue of death with children is one of the taboos present in school institutions. The objective of this work is to investigate how schools deal with mourning during the period of individual and personal education. It is justified in education because it is of fundamental importance to know the difficulties of children. Given this, we try to answer the following problem: how do schools work in mourning as a child? For this, we conducted a field research in three municipal schools of elementary school I in a small city in the northwest of Paraná. We discussed six questions, including five from the data collection of the school itself, and only one from the pedagogue's opinion. As a result, the schools involved in research find themselves unprepared for dealing with grief in childhood. This increases our concern, because reality matches the lack of awareness of the relevance of the period of grief and how it interferes with the child development. We conclude that this problem will only be possible if we invest in a better training of education professionals.

Keywords: Childhood grief. Teacher training. Death and death. Pedagogy and death.

¹ Acadêmica do quarto ano de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

² Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá.

1 INTRODUÇÃO

A morte é um tema muito difícil e desafiador a ser analisado, pois nos leva a fazer uma reflexão sobre a nossa existência. É um assunto muito complexo para ser compreendido, principalmente para as crianças no processo de formação da personalidade. Contextualizando na formação da identificação do “eu” e seu papel na sociedade, Henri Wallon define que

A consciência não é a célula individual que deve abrir-se um dia sobre o corpo social, é o resultado da pressão exercida pelas exigências da vida em sociedade sobre as pulsões de um instinto ilimitado que é exatamente o do indivíduo representante e juguete da espécie. Este eu não é, pois, uma entidade primeira é a individualização progressiva de uma libido ao princípio anônimo ao quais as circunstâncias e o curso da vida impõem que se especifique e que entre nos âmbitos de uma existência e de uma consciência pessoais (WALLON, 1979, p. 150).

A escola tem um papel fundamental, como grupo social, de formação da criança e na identificação do ‘eu’ e do ser social. É na escola que se visualiza as etapas de desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo da criança. Visto que a escola está tão presente na vida dos indivíduos, impõe-se a ela lidar – não trabalhar psicoterapeuticamente - com o luto que podem ocorrer em qualquer momento da vida das crianças. Portanto, como o período escolar incorpora a maioria das fases de desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, pode também possibilitar auxílio ao momento de luto, principalmente a compreensão da morte quando ocorre em familiares, colegas, professores, e o próprio noticiário, que eventualmente a criança se vê atingida ou identificada. Nesse sentido, compete à escola o papel de instruir no processo de aprendizagem e aquisição desse conhecimento, tendo uma função muito importante nesse processo.

Outro aspecto a ser considerado são as percepções de luto para criança. Para ela, o luto não significa a morte em si, mas também a perda reversível de algo, a ausência, a mudança, a troca, tudo que remete à possibilidade de ser reparado ou substituído. Abrange desde uma separação conjugal até mesmo a mudança de grupo social.

Para tanto, consideramos a preparação de profissionais na educação para lidar com este tipo de situação, visto que sabemos que não existe uma formação específica sobre a situação de luto em crianças no curso de Pedagogia, a qual poderia auxiliar compreender este tema e “o que fazer” no âmbito da escolarização. Ainda com a negação e a resistência para reconhecer a morte como algo natural da vida, não discutimos sobre a morte porque ela é um tabu cultural, portanto, não constitui um problema da educação familiar e da educação escolar. Mas, entendemos que é de fundamental importância a preparação desses agentes, nesse sentido. A contribuição da discussão sobre esse tema e problema na formação das crianças depende da cultura desenvolvida no espaço escolar.

Tivemos como objetivo investigar como as escolas lidam com o luto no período de formação escolar e pessoal do indivíduo. Para tanto, analisamos como se desenvolve o trabalho com o luto na infância, na escola, buscando compreender essa relação nas instituições de ensino fundamental de primeiro ao quinto ano. Encaramos aqui uma dificuldade gigantesca que engloba todos os profissionais da escola, e procuramos responder a seguinte problemática: como as escolas trabalham o luto na infância?

Esse trabalho se justificou em compreender como é trabalhado o luto na infância. Respondendo a uma inquietação pessoal, por presenciarmos casos familiares de luto infantil, no qual os indivíduos envolvidos tiveram reações diferenciadas em relação à perda definitiva. Esse fato causou reações e consequências negativas, mas também positivas, tanto na aprendizagem quanto nas relações pessoais das crianças envolvidas com o trabalho de luto. Nos instigou a entender como as crianças lidam com o luto e o que pode ser feito para ajudá-las. Também, nos estágios, do projeto de extensão PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, no qual atendíamos crianças com dificuldades de aprendizagem, observamos que algumas crianças sofreram perdas significativas, tais como: separação dos pais, mudança de escola ou cidade, e morte de algum ente familiar. Com essas indagações, sentimos a necessidade de compreender qual sentido que a criança atribui ao luto, tanto no sentido cultural como no sentido pessoal e simbólico. E, principalmente, como a escola pode trabalhar com esse fato.

Entendemos que, para a educação, é de fundamental importância conhecer as dificuldades das crianças em lidar com situações afetivas e cognitivas. Esses são fatores que atingem o processo ensino-aprendizagem e todo desenvolvimento

psíquico do aluno. Entendendo o aluno enlutado podemos buscar meios de trabalhar com as suas limitações. A escola e os profissionais da educação estão muito presentes na vida dos alunos, exercendo um papel fundamental que contribui para a superação do luto pela criança. Sobretudo, entender os desafios emocionais e de aprendizagem em um momento tão conturbador para elas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE O LUTO

Para que haja a compreensão do luto na contemporaneidade, precisamos reconhecer as influências históricas, para visualizar a transformação cultural que se teve sobre a morte. Nesse sentido, recorreremos a contribuição de Philippe Ariès em seu livro “A história da morte no Ocidente” que descreve a cultura da morte nos períodos históricos, partindo da Idade Média em diante.

2.1 BREVE HISTÓRICO DO LUTO

Segundo Ariès (1981), no início da Idade Média, acreditava-se que a morte era regulada por sinais costumeiros. Ela vinha acompanhada de pressentimentos e sinais prévios que “nem toda a gente possuía esta clarividência, mas todos sabiam pelo menos que iam morrer, e sem dúvida este reconhecimento tomou formas proverbiais que passaram de época em época” (ARIÈS, 1981, p. 17). Segundo o autor, o indivíduo medieval sabia quando iria morrer. Quando se encontrava doente, estimavam-se os dias de vida, se preparavam e convocavam os próximos (familiares e amigos) para a despedida. “Os sinais mais frequentemente invocados para anunciar uma morte próxima fosse sinais que hoje consideraríamos naturais” (ARIÈS, 1981, p. 15).

No século XVII e XVIII, a sociedade não se sensibilizava mais diante de algumas mortes, por exemplo, de idosos. Nesses casos, era motivo de chacota o apego da vida. A morte era considerada algo tão natural que chegavam a ridicularizar quem negava as evidências da morte. Assim, “[...] furtar-se ao aviso da morte era expor-se ao ridículo” (ARIÈS, 1981, p. 11). Nessa época, permaneceu por muito tempo nas mentalidades populares à crença de que a morte avisava.

Para que a morte fosse assim anunciada, era preciso que não fosse súbita, repentina. Quando não prevenia, deixava de aparecer como uma necessidade temível, mas esperada e aceita, quer se quisesse quer não. Despedaçava então a ordem do mundo em que todos acreditavam instrumento absurdo de um acaso por vezes dissimulado em cólera de Deus. Por isso, a morte repentina era considerada como infame e vergonhosa (ARIÈS, 1981, p. 18).

Nessa perspectiva, a morte então não poderia ser repentina, pois rompia a crença dos anúncios e cerimônias, vividos anteriormente. Sendo taxada, desse modo, como morte feia, morte desonrosa, as pessoas temiam. Sobre esses assuntos, no século XVII e XVIII, nunca se discutia e muito menos se ouvia falar. Bem parecido com o luto de hoje, apresentado apenas por um silêncio, ou seja, as pessoas fugiam do assunto, se negavam a discutir ou até mesmo a entender. A morte súbita vinha acompanhada de uma antiga crença enraizada como maldição.

[...] é também a morte clandestina que não teve testemunhas nem cerimônias, a do viajante no caminho, do afogado no rio, do desconhecido cujo cadáver se descobre à beira de um campo, ou mesmo do vizinho fulminado sem razão. Pouco importa que fosse inocente: a sua morte súbita marca-o com uma maldição. É uma crença muito antiga (ARIÈS, 1981, p. 19).

Contra-pondo-se a essa ideia de morte nos períodos medievo e moderno, antes, possivelmente, o surgimento do cristianismo contribuiu para quebrar essa crença. Desde que o Cristo “ressuscitado venceu a morte”, a morte física se tornou acesso à vida eterna. A partir de então, os antigos cristãos passaram a aceitar a morte como uma passagem para o renascimento. Então, alimentaram o discurso de que todos mereciam uma cerimônia e um enterro, até mesmo os pobres infelizes que ninguém sabia a causa da morte. Todos tinham direito a um lugar no cemitério, pois não se fazia necessário à benção em corpo presente nos templos sagrados. Segundo Ariès (1981) havia crenças primitivas da poluição dos lugares sagrados, pelos líquidos do corpo humano. “Não se levam para a igreja aqueles que foram mortos, dado o medo que o seu sangue suje o pavimento do templo de Deus. A missa e o libera eram então ditos na ausência dos restos do defunto” (ARIÈS, 1981, p. 21). Portanto, se realizavam as cerimônias mesmo sem a presença do moribundo.

A crença de que eram perceptíveis os sinais da morte só foi superada nos tempos modernos e contemporâneos, que se deixou de acreditar nos pressentimentos, considerados agora superstições populares. Foi então, no final do século XIX, que houve a exclusão desses hábitos da sociedade. Nesse período, os legados das épocas apresentavam incertezas entre o que era natural e sobrenatural em relação à morte.

No mesmo período, também se manifestava na sociedade a ambiguidade de sentimentos da aceitação da morte. Naturalmente, o moribundo se apegava aos seus bens construídos e às pessoas que amava, o que dividia o seu sentimento em relação à morte.

Ou então a “morte vem curar tudo” ou ainda “antes sofrer que morrer”, eis aí duas afirmações na verdade mais complementares do que contraditórias duas faces do mesmo sentimento: uma não passa sem a outra. Deplorar a perda da vida retira a aceitação da morte o que ela tem de forçado e de retórico [...] (ARIÈS, 1981, p. 17).

Claro que é muito mais fácil pensar a morte sem preocupação, assim ela se torna um símbolo da vida ingênua. Nesse espaço de tempo da Idade Média, se apresentava duas maneiras de se pensar à morte. Uma, presente em nossa civilização tecnicista, em que se recusa a morte e assim ela é bloqueada da vida cotidiana. E outra, das civilizações tradicionais, em que não é uma recusa, mas sim a incoerência de se pensar profundamente a morte, pois ela faz parte da vida.

No século XIX ainda realizavam práticas direcionadas celebração da morte. Os moribundos eram velados como o centro de uma reunião. Devido ao medo de morrer só, quando se sentia próximo ao fim, eram convocados todos os familiares para confessar os pecados e pedir perdão pelos seus erros. Para que, desse modo, se sentisse aconchegado pela presença de todos. No entanto, um pouco antes, no século XVIII os médicos higienistas já se queixavam da multidão que invadia o quarto dos moribundos. Porém, mesmo assim, sempre se morria em público.

Daí o sentido forte da palavra de Pascal, desejo de morrer só, porque nunca se estava só fisicamente no momento da morte. Hoje isso tem apenas um sentido banal, já que na verdade se tem todas as chances de morrer na solidão de um quarto de hospital (ARIÈS, 1981, p. 21).

Mesmo no século XX, ainda se realizavam reuniões com os familiares no leito do moribundo. Nas despedidas se pedia que o deixasse para dormir, de um sono que nunca mais voltaria. A crença de que se dormia após a morte, se fez presente por todo fim da idade média. Reforçada pelo cristianismo que dizia aos seus fiéis dormirem em Cristo, compartilhavam dos testemunhos da ressurreição de despertar do sono e viver para Deus.

Juntamente com a linha de pensamento de que os mortos dormem se preservou a imagem desse sono em um jardim florido. Os jardins vinham como refúgio para os merecedores da vida eterna. Lugar de descanso e ternura do reino dos céus. Tal maneira que fez com que os moribundos aceitassem a morte naturalmente, confiante do fim, se acalmava perante a morte.

A mesma atitude sobre a morte permanece em variações propriamente históricas

Num mundo sujeito à mudança, a atitude tradicional perante a morte aparece como um embrião de inércia e de continuidade. Está agora tão apagada dos nossos costumes que temos dificuldade em imaginá-la e compreendê-la. A atitude antiga em que a morte é ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída, insensibilizada, opõe-se demasiado à nossa, onde faz tanto medo que já não ousamos pronunciar o seu nome. É por isso que, quando chamamos a esta morte familiar à morte domada, não entendemos por isso que antigamente era selvagem e que foi em seguida domesticada. Queremos dizer, pelo contrário, que hoje se tornou selvagem quando outrora o não era. A morte mais antiga era domada (ARIÈS, 1981, p. 39).

Ora, a morte faz com que o homem lembre-se de que suas capacidades são limitadas. Em nossa época

O local da morte é transferido do lar para o hospital. Tudo isso torna difícil suportar a proximidade com a doença. No século XX a maioria das pessoas não vê os parentes que morreram. O hospital é conveniente pois esconde a repugnância e os aspectos sórdidos ligados à doença. A família também fica afastada para não incomodar o silêncio dos hospitais. Dessa forma, não atrapalha o trabalho dos médicos e não torna visível a presença da morte, através de lamentações, choros ou questionamentos (KOVÁCS, 1992, p. 38).

A partir do século XX, tenta-se usar as tecnologias para adiá-la. São casos de uma doença irreversível ou um grave acidente, cujos pacientes são mantidos por aparelhos, em estado vegetativo, sem nenhuma esperança de retornar à vida normal. “Há uma exigência de controle, pois a sociedade não suporta enfrentar os sinais da morte” (KOVÁCS, 1991, p. 39). Se no período medieval era a Igreja que monopolizava o que fazer diante da morte, este poder foi transferido para a Medicina, que usa todos os recursos tecnológicos para adiar a morte. O “novo imperialismo médico” é quem decide a questão da vida e da morte; ou, que fazer para adiar a morte (KOVÁCS, 1991, p.40).

Então, vivemos o tempo paradoxal: por um lado, parece que a morte se torna distante, e é deixada de lado também a percepção de ela ser um acontecimento natural; mas, por outro lado, vivemos a época em que é abundante as notícias sobre mortes através dos meios de comunicação. Nas produções da mídia, a morte ou o morrer são espetacularizadas. Basta ver o destaque dado aos diversos acontecimentos que envolvem o risco à vida e a própria morte, pela chamada “imprensa marrom” (jornais que, segundo o dito popular “exprimidos saem sangue”), e nos programas televisivos de final da tarde. A seguir, procuraremos compreender sobre os estágios da morte, característica fundamental para o entendimento do luto na infância.

2.2 OS ESTÁGIOS DA MORTE NA CONTEMPORANEIDADE

Parece-nos relevante caracterizar as fases pelas quais passa a pessoa enlutada. Para tanto, utilizaremos uma descrição realizada por Elisabeth Kübler-Ross (1996) em seu livro "Sobre a morte e o morrer". A autora descreve cinco estágios sintetizados a seguir pelo quadro 1.

NOME DO ESTÁGIO	CARACTERÍSTICAS DO ESTÁGIO
Negação e Isolamento	São mecanismos de defesa temporários do Ego contra a dor psíquica diante da morte. A intensidade e duração desses mecanismos de defesa dependem de como a própria pessoa que sofre e as outras pessoas ao seu redor são capazes de lidar com essa dor. Em geral, a Negação e o Isolamento não persistem por muito tempo.
Raiva	Surge devido à impossibilidade do Ego manter a Negação e o Isolamento [ambos são mecanismo de defesa do Ego] Nessa fase a pessoa expressa raiva por aquilo que ocorre; geralmente essas

	emoções são projetadas no ambiente externo, os relacionamentos se tornam problemáticos e todo o ambiente é hostilizado. Junto com a raiva, também surgem sentimentos de revolta, inveja e ressentimento.
Barganha	Acontece após a pessoa ter deixado de lado a Negação e o Isolamento, “percebendo” que a raiva também não resolveu. Nessa fase busca-se fazer algum tipo de acordo de maneira que as coisas possam voltar a ser como antes. Começa uma tentativa desesperada de negociação com a emoção ou com quem achar ser o culpado de sua perda. Promessas, pactos e outros similares são muito comuns e muitas vezes ocorrem em segredo.
Depressão	Nessa fase ocorre um sofrimento profundo. Tristeza, desolamento, culpa, desesperança e medo são emoções bastante comuns. É um momento em que acontece uma grande introspecção e necessidade de isolamento, aparece quando a pessoa começa a tomar consciência de sua debilidade física, já não consegue negar as condições em que se encontra atualmente, quando as perspectivas da perda são claramente sentidas. Evidentemente, trata-se de uma atitude evolutiva; negar não adiantou; agredir e se revoltar também não; fazer barganhas não resolveu. Surge então um sentimento de grande perda.
Aceitação	Nesse estágio a pessoa já não experimenta o desespero e não nega sua realidade. As emoções não estão mais tão à flor da pele e a pessoa se prontifica a enfrentar a situação com consciência das suas possibilidades e limitações. Claramente o que interessa é que o paciente alcance esse estágio de aceitação em paz e com dignidade, mas a aceitação não deve ser confundida com um estágio feliz, ela é quase destituída de sentimentos.

Quadro 1: Fases da pessoa enlutada.

Fonte: adaptação da autora a partir de Elisabeth Kübler-Ross em seu livro "Sobre a morte e o morrer" (1996).

Para Kübler-Ross (1996), ao longo da história, as reações perante a morte apresentavam diferentes características. Houve em cada período uma cultura com costumes variados devido a superstições, crenças e acontecimentos, até a construção do significado que temos hoje sobre a morte.

Todavia, segundo Torres (1999), na perspectiva da criança, a morte é um desafio afetivo, não somente um desafio cognitivo para seu pensamento. Utilizaremos um estudo feito por Torres (1999), de acordo com Jean Piaget (1996), sobre a aquisição do conceito de morte pelas crianças. Aponta as seguintes diferenças para cada estágio:

PERÍODO	IDADE
---------	-------

<p>Sensório-motor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O conceito de morte não existe. - A morte é percebida como ausência e falta. - A morte corresponde à experiência do dormir e acordar: percepção do ser e não ser. 	<p>Crianças de 0 a 2 anos (antes da aquisição da linguagem)</p>
<p>Período Pré-operacional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As crianças compreendem a morte como um fenômeno temporário e reversível. Não entendem como uma ausência sem retorno. - Atribuem vida à morte, ou seja, não separam a vida da morte. Não distinguem os seres animados dos inanimados. Entendem a morte ligada à imobilidade. - Apresentam pensamento mágico e egocêntrico. São autorreferentes, e, para elas, tudo é possível. - Compreendem a linguagem de modo literal/concreto. 	<p>Crianças de 3 a 5 anos</p>
<p>Período Operacional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentam uma organização em relação ao espaço e tempo. - Distinguem melhor os seres animados dos inanimados. - Entendem a oposição entre a vida e a morte, compreendendo a morte como um processo definitivo e permanente. Compreendem a irreversibilidade da morte. - Há uma diminuição do pensamento mágico, predominando o pensamento concreto. - Ainda não são capazes de explicar adequadamente as causas da morte. - Conseguem apreender o conceito de morte em sua totalidade: em relação à não funcionalidade, à irreversibilidade e à inevitabilidade da morte. 	<p>Crianças de 6 a 9 anos</p>
<p>Período de Operações Formais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O conceito de morte, devido ao pensamento formal, torna-se mais abstrato. Já compreendem a morte como inevitável e universal, irreversível e pessoal. 	<p>Crianças de 10 anos até a adolescência</p>

Quadro 2: O conceito de morte pelas crianças para Piaget a partir do estudo de Torres (1999)

Fonte: adaptação da autora a partir de Torres (1999)

Notamos que em todo processo de escolarização infantil existe uma mistificação sobre assuntos polêmicos. O tabu sobre gênero, tabu sobre a sexualidade, e, especialmente o “tabu da morte” (RODRIGUES, 1983) se faz muito presente nesse período do desenvolvimento humano. É aí que as crianças ouvem aquelas famosas explicações fantasiosas, como: “O papai planta uma sementinha na barriga mamãe”; “boneca é de menina e carrinho é de menino”; “Ele foi morar com os anjinhos do céu”, etc. Desse modo, a capacidade de compreensão das crianças é sempre subestimada, e pior, existe resistência dos adultos ao tratar os temas transversais nas escolas. O que só alimenta os tabus da nossa sociedade.

Como vimos na tabela acima: a partir do período Operacional (6 a 9 anos) as crianças entendem a oposição entre a vida e a morte, compreendendo a morte como um processo definitivo e permanente.

2.3 A CONSTRUÇÃO DA CULTURA ENLUTADA E A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA

Como podemos ver, o tabu sobre a morte foi construído historicamente, vista em determinados momentos como “natural” e até “medonho”. Assim, o objetivo dessa seção é analisar sobre esse movimento histórico na cultura. Dada às circunstâncias, também cabe aos educadores analisar se a cultura é algo construído a partir dos comportamentos e costumes da sociedade; e esses costumes são ensinados de geração em geração, o que determinaria a mudança dessas culturas?

Leontiev (1978) discorre que não existem competências humanas que tenham sido carregadas por hereditariedade biológica; de fato todas foram adquiridas. Desse modo,

Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana (LEONTIEV, 1978, p. 267).

Então, o homem é o formador da cultura, é ele que desenvolve a vida social e suas ações sobre o mundo, caracterizada por costumes que são passados de geração em geração. Paiva (2011) corrobora que ao fazerem isso estarão deixando, para novas gerações, novas aptidões concretizadas em novos instrumentos. Tendo a ação contínua de transformações mantém o mundo em movimento, o que possibilita que, também, o homem mantenha-se em movimento e, principalmente, em transformação.

Portanto, entendemos que o ser humano é aquilo que lhe é ensinado a ser. O meio em que está inserido determina seu modo de pensar e agir. Todos os seus conhecimentos são construídos a partir de vivências e transmissão de conhecimento dos mediadores que habitam o meio. Seja no âmbito social, escolar, cultural,

religioso, político, etc. Apenas um breve comentário sobre a morte e as religiões: “As religiões, comenta Jung, são complicados sistemas de preparação para a morte” (FREITAS, 1992, p. 116).

Como vimos ao longo da história à cultura da morte foi passando por mudanças, adaptações, influências, até a transformação. Tudo isso, decorrente do meio em que a cultura estava inserida – a cultura Ocidental. Partindo desse pressuposto, compreendemos que a cultura pode ser alterada. Como a própria história nos narra as fases de aceitação, naturalidade, medo, angústia, e negação da morte. Remete-nos a pluralidade de cultura, apresentando características diferentes e constantes mudanças nos períodos históricos.

Então, como alterar a cultura fechada que nós temos hoje sobre a morte? Na contemporaneidade, cabe à escola a transmissão de conhecimentos sistemáticos, tanto do saber científico historicamente acumulado quanto os valores culturais e morais da sociedade. E sobre a contribuição da escola em relação ao luto, discutiremos a seguir.

2.4 A ESCOLA DIANTE O LUTO NA INFÂNCIA

Segundo Paiva (2011) na escola a criança entende as percepções de mundo, por meio da mediação da educação, da cultura da leitura e da escrita. Em seguida, o indivíduo já desempenha seu papel educacional e de formação para enfrentar o mundo.

Assim, a escola pode ser vista como um centro de informação e formação do indivíduo no processo de transformação da sociedade, de valores e de cidadania. É um agente transformador que permite atitudes reflexivas e críticas sobre a realidade e a humanidade. Deve também valorizar os aspectos afetivos, familiares, sociais, éticos e políticos para uma formação integral (PAIVA, 2011, p. 24).

Para que tudo isso ocorra, faz-se necessário que os profissionais da educação estejam preparados para trabalhar com as necessidades que a criança apresenta, especialmente no período de luto. No entanto, não se deve tirar a responsabilidade da família no processo de formação da criança. Devendo, então,

escola e família andar juntas. E tento o professor a dupla função de ensinar conhecimentos sistemáticos (escolarização) e educar.

De fato, os profissionais da educação em sua formação não são preparados para lidar com o luto, dar apoio ao enfrentamento dos momentos de angústia, dores e sofrimento emocional. Isso só acontece no próprio contato humano e, mesmo que se fuja dele, ele ainda se faz presente na vida de todos. Segundo Paiva (2011), “Pensar a morte é pensar a vida! ”. A autora acredita que isso sugere uma mudança de cultura, mas direciona que a melhor forma de se encarar o sofrimento, a vida e a morte, é poder falar das angústias que acompanham essa situação. Mas de que modo fazer isso? Se não abordamos o tema no âmbito escolar? Paiva ainda assegura “ [...] que tal preparo deve acontecer ao longo da vida inteira, uma vez que várias mortes fazem parte de nossa existência enquanto seres humanos” (PAIVA, 2011, p.16).

Embora se evite tratar o tema da morte nas escolas, ela se faz presente em várias situações dentro do contexto escolar. Percebidas como “morte simbólica” são as diversas situações de mudança, separações, ausência, troca de classe, troca de professor, quebra de um brinquedo, transferência de um colega e afins. Mesmo que essas situações não envolvam a morte concreta, para criança, representa sentimentos semelhantes ao luto. Entendendo essa visão, o espaço escolar também deveria proporcionar oportunidade de aprendizagem e experiências de vida sobre a morte, tornando-se assim, um espaço de favorecimento para quebrar o silêncio, da angústia, e da sensação de estarem sozinhos. Tudo isso propiciaria uma base para que a criança conseguisse elaborar seus sentimentos e lidar com o luto.

Atualmente sabemos que algumas crianças passam muito mais tempo na escola do que em casa, com sua família. Os profissionais da educação se apresentam para uma função em que não estão preparados, e para agravar, alguns pais negligentes deixam a tarefa de educar para os professores, que, como afirmamos, não estão preparados – e nem é sua responsabilidade – serem metáfora paterna e materna.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sentimos a necessidade de compreender como é discutido o luto na prática escolar. Para isso, realizamos uma pesquisa de campo em três escolas municipais

do ensino fundamental (primeiro ao quinto ano) em um município de pequeno porte do noroeste do Paraná. As escolas foram abordadas a partir de telefonemas, em que explicamos o procedimento da pesquisa, dando uma pequena introdução ao assunto. As escolas que se prontificaram a responder, enviamos o questionário via *e-mail*, antecipadamente à entrevista. A proposta foi pensada para que os pedagogos das instituições responderem. Desse modo, elaboramos um questionário com seis questões, dentre elas cinco a partir de levantamento de dados da própria escola, e apenas uma de opinião da pedagoga. Dentre as três escolas que aceitaram realizar a entrevista, duas pedagogas não conseguiram agendar o encontro presencial, portanto, responderam o questionário via *e-mail*. Apenas uma conseguimos conversar pessoalmente. Essa pesquisa foi proposta para que consigamos visualizar como é trabalhado o tema "luto" no espaço escolar e se os profissionais acreditam ser importante esse tema na educação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

I. Aluno-aluno frente à instituição

Realizamos um levantamento de quantas escolas municipais se já sofreram morte de alunos. Das três escolas entrevistadas, a escola 1 e 3 tiveram casos. Apenas a escola 2, não.

II. Trabalho individual ou coletivo para o luto

No caso de morte de alunos nas instituições, questionamos a pedagoga se realizaram algum trabalho coletivo ou individual sobre o luto por essa perda.

As pedagogas da **escola 1** nos informaram que trabalharam coletivamente o tema e justificaram: "Houve um trabalho coletivo, pois são sentimentos intensos, que afetam emoções, corpos e a vida por um longo período. Ocorreram conversas com os alunos onde os professores procuraram ser mais honestos possíveis, não nos alimentaram falsas expectativas de um falso regresso, pois isso dificultaria o entendimento da perda como algo definitivo. Foi respeitado o tempo para compreender a morte levando em consideração o desenvolvimento cognitivo de cada um. Coube aos professores e equipe pedagógica reconhecerem que os alunos não tinham condição de falar sobre o assunto ou entender esse processo,

preparando-os para que se desse a compreensão sobre a morte com os recursos que sua idade permitisse não podendo ser excluída da perda”.

A **escola 2** não realizou nenhum trabalho sobre este tema. Já a **escola 3** realizou o trabalho individual e justificou: “A professora fez um trabalho diferenciado, buscando meios de explorar o ocorrido, porque a criança que faleceu tinha apenas 5 anos e por conta da pouca idade apenas esclareceu o fato em poucas palavras, pois por mais natural que seja a morte não deixa de ser dolorosa”.

Apesar das escolas 1 e 3 trabalharem diferentemente a relação do individual e coletivo, no entanto, ambas subestimam a capacidade de compreensão das crianças devido à idade escolar. Mas como citado anteriormente, Piaget (1987, 1996) define que as crianças no período operacional [6 a 9 anos], entendem a oposição entre a vida e a morte, compreendendo a morte como um processo definitivo e permanente. Elas compreendem a irreversibilidade e a morte. Conseguem apreender o conceito de morte em sua totalidade: em relação a não funcionalidade, à irreversibilidade e à inevitabilidade da morte.

III. A instituição frente à perda família-aluno

A relação entre família e aluno entendemos ser um fator impactante para o campo educacional. Por conta disso, questionamos nas instituições se existe algum registro (levantamento por parte da escola/ psicopedagoga) sobre perda de familiares dos alunos ou de funcionários da própria instituição – pessoas pelas quais as crianças têm contato. Se em casos constatados, como foi assimilada ou trabalhada esta situação de morte.

A **escola 1** nos informou que não existe um levantamento concreto com registros. Na administração atual – 2016 –, houve a perda de uma funcionária. No entanto, o trabalho desenvolvido foi o mesmo, citado anteriormente, com a perda de um aluno. Em relação aos familiares, disseram que não desenvolvem nada direcionado. Na **escola 2** nos relataram apenas o seguinte: “O funcionário pega seus dias de luto, no funeral, algumas pessoas da escola vão para dar apoio, mas não é realizado nenhum trabalho em relação a isso”.

A **escola 3** assim descreveu: “Sim, procuramos da melhor forma possível, passar a notícia para os alunos, sem mudar a rotina para não causar maiores

transtornos, então cada professora conversa com a sua turma e de uma forma bem serena comunica aos alunos, fazendo as explicações necessárias”.

Na coletânea de respostas, percebemos que não apresentam uma valorização da influência da família no contexto escolar. Deixado de lado o que a criança traz consigo, podendo essas crianças estar em processo de luto, sem nem ao menos a escola diagnosticar. No plano real, observamos que esses casos são realmente deixados de lado pela **escola 3**, cuja criança enlutada fica para trás no processo de aprendizagem de conteúdos em relação à turma, assim, não é dada atenção necessária para este fato.

IV. Relação prevenção-escola

Tendo em vista que a morte é um fato natural da vida, faz-se presente em qualquer fase, questionamos as instituições se já trabalharam preventivamente o assunto morte com os alunos.

A **escola 1** relatou que só se trabalha quando acontece. A **escola 2** disse que não trabalham. Já a **escola 3** discorreu: “A escola não trabalha a ‘morte’, mas alguns conteúdos levam a professora a falar sobre o assunto, mas nada prolongado, apenas esclarece alguns itens sobre o assunto.

Parece que as instituições escolares não reconhecem a importância da compreensão da morte para as crianças. Não se tem presente a ideia de que para sabermos lidar o luto é preciso entender o significado amplo das perdas. Como vimos antes, Paiva (2011) discorre que na escola a criança entende as percepções de mundo, por meio da mediação da educação e da cultura. Faz-se presente a negação da inclusão da família nesse aspecto. Distinguindo as funções, sem a percepção de que o trabalho deve ser conjunto. Não se determinam uma função para cada, ou pior, o que na realidade acontece, joga-se a responsabilidade um para o outro, resultando nos tabus, no qual, ninguém discute.

V. O currículo frente ao luto na infância

Sabemos da importância do currículo para a linha da educação. Por conta disso, nos indagou a possibilidade de se discutir sobre a morte dentro algum item no currículo escolar. Portanto, levamos essa questão para as instituições entrevistadas.

Conjuntamente, responderam que não existe um item que possam trabalhar a morte, no entanto a **escola 3** levantou uma possibilidade: “No ano passado, a escola desenvolveu o “Projeto: Aprendendo a lidar com os sentimentos”, onde foram abordados os sentimentos com relação à vida e a morte”. A **escola 2** justificou a não existência da seguinte maneira: “Não, porque este assunto remete em muitas vezes a questões religiosas e estas não são discutidas na escola”.

VI. A instituição na presença do luto

Para finalizar nossas entrevistas, sentimos a necessidade de perceber a visão das pedagogas para a inclusão do assunto “perdas significativas” no âmbito escolar. Com esse fim, levantamos o questionamento da relevância na percepção das pedagogas, se elas acreditavam que o assunto pode ser incluído em alguma disciplina ou atividade extracurricular.

Na **escola 1** a pedagoga respondeu: “A morte é uma realidade em nossas vidas e lidar com ela é muito difícil em uma sala de aula. Quando acontece deve ser feita com cuidado, sendo muito clara com os alunos respeitando a dor e a saudade tendo consciência de que a criança tem seu próprio momento para internalizar a perda”.

Na **escola 2**: “Não, pois cada indivíduo tem sua crença religiosa e esse assunto inclui diferentes opiniões”. E a **escola 3** a pedagoga definiu: “Sim, a morte é a nossa única certeza, mas é um processo doloroso que atinge a todos, tornando o período de luto de extrema tristeza e reflexão. Embora as crianças ainda não compreendam por completo a ideia de morte, acredito que o assunto precisa ser discutido na escola para que a criança conheça e entenda a morte faz parte da vida”.

A **escola 1** faz reverência ao respeito sobre o tempo da criança para que a própria internalize a perda, no entanto, não levam em conta o amparo que essas crianças precisam, para aceitar e lidar com os sentimentos da perda elas precisam aprender, ensinamento esse que deve ser dado pelos educadores. Quando á **escola 2** desconsidera a responsabilidade de formação das identidades das suas crianças, entendemos que o futuro profissional se enquadra no modelo não-crítico de pensamento. Ficam no senso comum, e acabam contribuindo com o discurso e ações preconceituosas em relação à forma de se manifestar, alimentando o tabu

sobre a morte. A **escola 3**, discorre a não compreensão das crianças, no entanto, como já vimos, o período em que se encontram as crianças do ensino fundamental (seis a nove anos), existe o senso de relação à não funcionalidade, à irreversibilidade e à inevitabilidade da morte.

Logo, as pedagogas deveriam tanto conhecer o referencial teórico que indica a condição psíquica da criança no ensino fundamental como elaborar uma *práxis* educativa sobre o assunto perda ou morte, conforme os estágios piagetianos. No lugar do silêncio, as escolas deveriam abrir um espaço para se falar sobre um acontecido relativo a perdas e a morte. É melhor dar a palavra, ainda que carregada de fortes sentimentos e emoções do que deixar reinar o silêncio entre as crianças e adultos. Nesta linha de raciocínio e de ética, a escola estaria minimamente atuando de modo preventivo ou psicoprofilático, Nesse sentido, Torres (1984, p.121) alerta para a possibilidade de que uma morte não falada pode explodir uma psicose latente, “como mostra Genette Rimbault, em seu livro “A criança e a morte” [...]”.

É nítido que as escolas envolvidas na pesquisa, se apresentam despreparadas para lidar com o luto na infância. O que aumenta nossa preocupação, pois a realidade condiz com a falta de consciência da relevância do período do luto e como esse interfere no desenvolvimento da criança. No entanto, diferentemente das demais, a **escola 3** mostrou a iniciativa de se trabalhar os sentimentos no âmbito escolar, demonstrando ser possível desenvolver um projeto que atinge os sentimentos dos alunos e ao mesmo tempo os orienta como lidar com tal situação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao levarmos em conta a teoria e a prática, percebemos no plano real das escolas, que a prática da discussão de assuntos polêmicos, como é o luto. Trata-se de um assunto que ainda faz parte dos grandes tabus em nossa sociedade contemporânea. Mas, retomando as ideias dos autores que discutimos no decorrer do texto, vimos que só é possível lidar com o luto a partir da escuta, do diálogo, porém, é algo dificultoso para as instituições que não compreendem os entrelaçamentos dos sentimentos humanos.

Parece-me, que ao mesmo tempo em que trabalhamos com a formação humana, nos esquecemos de que somos constituídos de emoções, tais que movem a ação humana, nos direcionam, nos encaminham, nos impulsionam. Por tanto, a importância de se falar sobre luto abrange uma gama de sentimentos mais ou menos inconscientes que podem esclarecer o presente e projetar melhor o futuro de uma criança. Sendo que todo aprendizado e formação dependem das emoções estabelecidas pela criança, de modo que quanto mais bem resolvidas melhor seu desempenho cognitivo, social e escolar.

Concluimos que esta problemática só será possível de solução se investirmos em uma formação melhor dos profissionais da educação. Nesse processo de formação é necessário orientar sobre a atenção dada à perda. Não é algo que podemos julgar insignificante, pois a criança sente a perda tanto quanto um adulto. Claro que ignorar um problema parece ser bem mais fácil do que enfrentá-lo e solucioná-lo. Mas estamos discutindo sobre formação humana, estamos direcionando vidas. Falar dos sentimentos de perda no âmbito escolar é essencial para o desenvolvimento na sociedade.

A escola como a segunda instituição mais importante na vida das crianças, não pode fugir desse encargo. Deve ela desenvolver a interdisciplinaridade em conjunto com as relações humanas. Pensando sempre nos impactos que as nossas crianças sentem. Para que haja qualidade na educação, devemos nos atentar aos caminhos que facilitam a aprendizagem, situações que envolvem o ambiente, emoções, aspectos sociológicos, físicos e psicológicos. Discutir o luto no processo de desenvolvimento dos alunos é defender a compreensão que o processo demarca a necessidade de metodologias e ações diferenciadas que partam da consideração das particularidades dos alunos. Sendo necessário a articulação com diferentes áreas do conhecimento que possibilitem o reconhecimento de novos embasamentos teóricos e científicos acerca do desenvolvimento humano e do processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa foi apenas um ponto de partida sobre o trabalho da escola frente aos impactos do luto na Infância, pretendemos ter incentivado aos pesquisadores a ter fôlego a continuar essa discussão na área da Educação, sobretudo, na formação dos pedagogos para que os docentes sejam capacitados e/ou especializados. O desafio é observar os alunos e lidar com eles de acordo com suas necessidades e particularidades, com ações pedagógicas que os atendam, para que dessa forma

tais ações contribuam para a formação do sujeito integral. Profissionais da educação, diante da perspectiva da discussão do luto, devem planejar e rever suas estratégias de ensino, a fim de reformularem e adequarem às necessidades dos alunos e de uma sociedade sadia. É imprescindível a realização de novas pesquisas na área do luto infantil, para que nos ajude a trabalhar essa temática dentro da prática escolar e também como base para a formação nos espaços acadêmicos.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, set. 2005.
- KOVÁCS, Maria J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- KOVÁCS, Maria J. Atitudes diante da morte: visão histórica, social e cultural. In: **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. P. 28-47.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes têm para ensinar aos médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- PAIVA, Lucélia Elisabeth. **A arte de falar da morte para as crianças**. Aparecida: Ideias&Letras, 2011.
- PIAGET, Jean. **A construção do real na Infância**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- RODRIGUES, José C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- TORRES, Wilma C. **A criança diante da morte**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1999.
- TORRES, Wilma C. Educação para a morte. In: **Morte e suicídio**: uma abordagem multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1984.p.120-126.
- WALLON, Henri. O papel do outro na consciência do eu. In: **Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Vega, 1979.

ANEXOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Questionário:

1. A escola já sofreu alguma perda de aluno?
2. Em casos registrados de perda dos alunos, houve algum trabalho individual ou coletivo sobre?
3. A comunidade escolar já sofreu alguma perda? Se sim, houve algum momento para se falar sobre o ocorrido com os alunos?
4. Existe algum registro sobre perda de pais, ou familiares, dos alunos?
5. A escola já trabalhou o assunto morte com os alunos?
6. Dentro do currículo escolar, existe algum item que possibilita discutir sobre a morte?
7. Você (pedagoga) acredita que o espaço escolar seja propício para se trabalhar a morte? Se possível, justifique.

ANOTAÇÕES DA PESQUISADORA:

Escola 1:

- 1- Sim.
- 2- A professora fez um trabalho diferenciado, buscando meios de explorar o ocorrido, porque a criança que faleceu tinha apenas 5 anos e por conta da pouca idade, apenas esclareceu o fato em poucas palavras, pois por mais natural que seja a morte não deixa de ser dolorosa.
- 3- Procuramos da melhor forma possível, passar a notícia para os alunos, sem mudar a rotina para não causar maiores transtornos, então cada professora conversa com a sua turma e de uma forma bem serena comunica aos alunos, fazendo as explicações necessárias.
- 4- Sim.

- 5- A escola não trabalha a “morte”, mas alguns conteúdos levam a professora a falar sobre o assunto, mas nada prolongado, apenas esclarece alguns itens sobre o assunto. No ano passado, a escola desenvolveu o Projeto: Aprendendo a lidar com os sentimentos, onde foi abordados os sentimentos com relação a vida e a morte.
- 6- Como disse anteriormente, não existe um conteúdo específico, mas no dia a dia surgem questionamentos que são sanados pelas professoras. Considerando que os temas “vida” e “morte” estão ligados às disciplinas.
- 7- A morte é a nossa única certeza, mas é um processo doloroso que atinge a todos, tornando o período de luto de extrema tristeza e reflexão. Embora as crianças ainda não compreendam por completo a ideia de morte, acredito que o assunto precisa ser discutido na escola para que a criança conheça e entenda a morte faz parte da vida.

Escola 2:

- 1- Não.
- 2- Não.
- 3- Sim, o funcionário pega seus dias de luto, no funeral, algumas pessoas da Escola vão para dar apoio, mas não é realizado nenhum trabalho em relação a isso.
- 4- Não.
- 5- Não, porque este assunto remete em muitas vezes em questões religiosas e estas não são discutidas na Escola.
- 6- Não, pois cada indivíduo tem sua crença e esse assunto influi diferentes opiniões.

Escola 3:

- 1- Houve a perda de um aluno em minha gestão.
- 2- Houve um trabalho coletivo, pois são sentimentos intensos, que afetam emoções, corpos e a vida por um longo período. Ocorreram conversas com os alunos onde os professores procuraram serem mais honestos possíveis, não nos alimentaram mesmos falsas expectativas de um falso regresso, pois

isso dificultaria o entendimento da perda como algo definitivo. Foi respeitado o tempo para compreender a morte levando em consideração o desenvolvimento cognitivo de cada um. Coube aos professores e equipe pedagógica reconhecerem que os alunos não tinham condição de falar sobre o assunto ou entender esse processo, preparando-os para que se desse a compreensão sobre a morte com os recursos que sua idade permitisse não podendo ser excluída da perda.

- 3- Sim houve a perda de uma funcionária e teve todo o trabalho acima citado
- 4- Houve registro de perda de pais ou familiares de alunos, porém teve todo o processo de trabalho com o aluno em questão e foi necessário a ajuda de uma psicóloga.
- 5- Só é trabalhado quando acontece.
- 6- Não há dentro do currículo escolar um item que possibilita discutir sobre a morte. O assunto é discutido quando acontece.
- 7- Como pedagoga a morte é uma realidade em nossas vidas e lidar com ela é muito difícil em uma sala de aula. Quando acontece deve ser feita com cuidado, sendo muito clara com os alunos respeitando a dor e a saudade tendo consciência de que a criança tem seu próprio momento para internalizar a perda.